

12 de fevereiro de 2006

Brasil: rumo à OCDE

Tem força de axioma o anaxim: país algum é uma ilha. Para sobreviver no complexo, denso e divergente xadrez da política internacional, as nações precisam de intercâmbio, relacionamento, troca de idéias.

É da essência do seu ofício, ressalte-se, a inafastável convivência entre os contrários.

Daí, não existir mais dúvida: a aldeia global é uma realidade inevitável.

Realmente, o que acontece em Sidney, na Austrália, tem desdobramentos em Uruburetama, no Ceará.

É a lógica dos satélites e dos mecanismos de comunicação, unindo os povos e fazendo-os irmãos do mesmo tempo e dos mesmos desafios. Aqui, neste campo das relações internacionais, Chacrinha, o "filósofo da buzina", tem razão: "quem não se comunica, se trumbica."

Este preâmbulo, paciente leitor, tem um visível objetivo: aliar-se aos que defendem o ingresso do Brasil na Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), "instituição que congrega todos os países emergentes", como lembra, com muita propriedade, o diplomata Rubens Barbosa, que foi embaixador do Brasil nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, e é, hoje, presidente do Conselho Superior de Comércio Exterior da Fiesp.

Por outro lado, sabem todos, que o Brasil não faz parte dos quadros da OCDE, mas desde 1995, por força da sua crescente presença no cenário internacional, participa, como observador, de vários comitês, como por exemplo, do Aço, do Comércio, da Agricultura, estando bem próximo a integrar o comitê de Ciência e Tecnologia.

Sentando-se à mesa de tais organismos, o Brasil se prepara para ingressar no seleto clube da OCDE, agora que se discute uma reforma interna e a ampliação do número de seus membros.

Depois, a nação brasileira tem credenciais que justificam a sua presença naquela entidade. Lidera, hoje, o G-20, com desempenho admirável na recente reunião da OMC - Organização Mundial do Comércio -, em Hong Kong.

Atua com desenvoltura no BRIC, o heterogêneo grupo de nações que brilham na cena mundial, composto, além do Brasil, pela Rússia, Índia e China.

Agora, é ir à luta, buscando assento na sala da OCDE, na convicção de que vai participar de privilegiado fórum de temas econômicos, além de eloqüente espaço voltado ao estudo e à análise de políticas públicas e de modelo de desenvolvimento.

Nesta seara, exalte-se, o Brasil tem maturidade suficiente.

É hora, pois, de comprar o bilhete rumo à Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).